

O sujeito em movimento: "Um" acidente, "Uma" dança, "Um" corpo¹

Nara Pratta

Um "acidente", uma "contingência", a invasão de um real, que se impõe ao corpo por um acidente vascular cerebral (AVC), instala uma urgência que a bailarina Silvia Wolff² delimita no tempo de três dias - "Do impessoal ballet clássico ao indivíduo... Em três dias" - referindo-se ao seu período de coma. É a urgência de um corpo que passa do estado amorfo, do "não corpo", como dito por ela, para um sujeito que sustentará seu corpo, seu desejo.

Por meio do material publicado pela bailarina Silvia, na forma de tese de doutorado, pode-se acompanhar o modo singular de um sujeito em busca de sua própria dança, uma (re)invenção que permitiu uma sustentação. Diante da proposta de conversações entre os campos da Dança e o da Psicanálise, a referida tese, publicada em 2010, é aqui tomada como um caso a ser estudado.

Diferentemente de um saber clínico-médico, a definição de caso, aqui ressaltada, é de algo que possa ultrapassar um saber pré-existente com a possibilidade de questionamento por meio da experiência. Com tais delineamentos, um texto pode ser lido como um caso na medida em que é tomado em sua acepção do que "cai", que está fora de uma regulação simbólica, do que não se diz. Trata-se do indizível, encontro direto com o real, que escapa à possibilidade de delimitação por meio de um saber, conforme nos aponta a etimologia da palavra, resgatada por Viganò³. Em consonância com uma lógica que ultrapassa a investigação para compreensão e posterior enquadre de generalização, é da possibilidade de leitura do um a um que

se trata. Com a escolha do referido material, é possível acompanhar a bailarina em seu processo de reabilitação e de volta ao mundo da dança.

Silvia inicia sua pesquisa de doutorado com inquietações acerca das metodologias de ensino do *ballet* e da utilização de seus princípios que são permeados por padrões e ideais estéticos. Segundo ela, eles cerceiam e tamponam processos criativos. A sustentação de seus argumentos é articulada ao seu próprio trajeto como bailarina clássica em diferentes países. Ainda seguindo a lógica de um estudo que articula o trabalho vivido pela bailarina, ela escolhe continuar esse percurso incluindo seu processo de construção e reabilitação após sofrer um AVC, ao longo do desenvolvimento de sua tese; o que constitui a segunda parte da descrição de seu trabalho.

Continua seu texto com o relato do momento do AVC, seguido de três dias de coma e posterior processo de reabilitação. Ressalta também dificuldades que tocavam diretamente pontos de inquietações já presentes anteriormente: “apesar de conseguir visualizar internamente os movimentos, eu também me preocupava com o belo e com as questões estéticas”⁴. “Após anos de uma escuta permeada por valores onde o belo, a perfeição e o ideal eram usados sem nenhum entendimento a não ser o próprio objetivo da técnica clássica, minha reação era condizente com a filosofia imposta por esta técnica”⁵. Apesar das críticas anteriores que contestavam padrões impostos de estética e beleza, Silvia destaca o reflexo disso em seu tratamento ao almejar a perfeição e o belo. Contudo, também assinala: “atualmente, vejo que a própria ideia de perfeição já é de saída impossível e irreal”⁶.

“Por que quero viver na dança? O que quero da dança? [...]. Este questionamento já estava presente antes do AVC, mas no momento, torna-se mais decisivo”⁷. Os questionamentos de Silvia saem do patamar teórico e

atravessam o corpo. É com isso que a bailarina tem que se haver após o AVC.

No que concerne à questão do singular do sujeito isso é explícito mesmo nos mais esperados padrões estudados, categorizados e observados no âmbito científico. Destaco aqui a referência de Silvia ao seu quadro de hemiplegia "fora do padrão", que marca seu corpo. Na maioria dos casos, a hemiplegia dos membros, sequelas do AVC, significa uma rotação do membro afetado para o interior do corpo. Porém, o que Silvia nos relata é que ao invés de uma rotação para dentro do membro afetado seu diagnóstico é de uma rotação do membro para fora, o que é entendido por ela como a herança de sua formação do *ballet* clássico, uma memória do corpo (*en dehors*). Vê-se aqui uma colocação do sujeito mesmo diante daquilo que lhe atravessa e que lhe impõe um diagnóstico, uma massificação. Em meio a padrões no âmbito da medicina clínica, o sujeito imprime sua singularidade, sua marca.

Após o atravessamento de uma contingência, Silvia escolhe continuar sua pesquisa, o que posteriormente é visto por ela como essencial para seu trajeto de reabilitação.

É como se parte de mim estivesse nos bastidores, na iminência de voltar a cena, mas sem saber por onde entrar no palco, com que figurino, ou para dançar o quê. Preciso reencontrar significado no movimento e na dança para que faça sentido voltar à cena⁸.

Em meio a seu próprio trabalho de reabilitação é convidada a realizar um projeto piloto com outros pacientes de AVC por meio da dança. Com a realização desse trabalho Silvia avança do patamar de problematizações no nível teórico para a vivência de possibilidades da dança dentro de contextos não ideais que, segundo seu relato, permitiram aliar a arte, a dança e a ciência em um processo de reabilitação que pode proporcionar melhoras não somente no

sentido motor do corpo, mas também no que referia aos aspectos psíquicos. Diante disso, por incentivo de algumas pessoas, com as quais trabalhava e após a criação de um documentário que incluía imagens do processo de reabilitação, Silvia decide dançar novamente. Sua reinserção na dança já havia começado quando resolveu escrever uma coreografia para uma outra bailarina em sua qualificação do doutorado. Ela intitulou a coreografia de "Luto", em meio a um processo de luto em que era preciso lutar. Quando resolve voltar à cena, cria a coreografia "O novo cisne", cujo objetivo era de apresentar a dicotomia entre o lado direito e esquerdo de seu corpo, respectivamente o lado bem preparado e treinado pelo ballet e o outro lado que "alerta para os pesares do cotidiano contemporâneo, no qual corpos e indivíduos encontram-se em constante negociação e redefinição de espaços, tempos e identidades"⁹.

De uma coreo/grafia para uma autobio/grafia é possível reescrever um corpo e uma nova dança, uma nova coreo/grafia. No caso em questão, é exatamente a dança pela invenção que nos é apresentada. O cisne não é imperativamente branco ou negro. Ele não possui uma cor específica, ele pode ser, por exemplo, azul, como uma certa nota, conforme apresentou Dider-Weill¹⁰. "A vida nos vai impondo mudanças e a partir destas nos transformamos. Nestas transformações, nos reinventamos e reinventamos a dança"¹¹. É por meio de um balanceio singular, ao mover-se a partir de uma invocação, que a dança nos aponta também para uma linguagem e para a possibilidade de um dançar não só conforme a música¹².

¹ Este trabalho é parte de uma pesquisa de doutorado em Linguística - em andamento (IEL/Unicamp). Período de estágio de doutorado sanduíche na Université de Nice Sophia Antipolis com financiamento - PSDE/CAPES. Texto apresentado na Jornada da EBP-SP-2015 - "Corpo de mulher".

² WOLFF, S. S. (2010). "Momento de transição: em busca de uma nova Eu Dança". (Tese de doutorado). UNICAMP: Instituto de Artes.

³ VIGANÒ, C. (1999). "A construção do caso clínico em saúde mental". In: Curinga - Revista da Escola Brasileira de Psicanálise - Seção Minas Gerais, nº 13. Belo Horizonte: EBP, p. 50-59.

⁴ WOLFF, S. S. (2010). "Momento de transição: em busca de uma nova Eu Dança". Op. cit., p. 67.

⁵ IDEM. Ibid., p. 69.

⁶ IDEM. Ibid., p. 70.

⁷ IDEM. Ibid., p. 75.

⁸ IDEM. Ibidem.

⁹ IDEM. Ibid., p. 92.

¹⁰ DIDIER-WEILL A. (1997). *Nota azul, Freud, Lacan e a arte*. Rio de Janeiro: Contra Capa.

¹¹ WOLFF, S. S. (2010). "Momento de transição: em busca de uma nova Eu Dança". Op. cit., p. 114.

¹² Dedico aqui um agradecimento especial à Paola Salinas pelo incentivo para apresentação deste trabalho na Jornada da EPB-SP-2015.